

LETRUX

TUDO QUE JÁ NADEI



Planeta

RESSACA  
QUEBRA-MAR  
MAROLINHAS



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Letrux, 2021  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021  
Todos os direitos reservados.

PREPARAÇÃO: Thais Rimkus

REVISÃO: Renata Lopes Del Nero e Laura Folgueira

PROJETO E DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial

CAPA: Giulia Fagundes/ Estúdio Daó

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

---

Letrux

Tudo o que já nadei: ressaca, quebra-mar e marolinha / Letrux.

– São Paulo: Planeta, 2021.

160 p.

ISBN 978-65-5535-280-1

1. Literatura brasileira 2. Poesia brasileira I. Título

21-0054

CDD B869

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira

2021

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – CEP 01415-002

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

este livro é assim:

RESSACA

famoso textão



Planeta

QUEBRA-MAR

famoso poema, mesmo

MAROLINHAS

algumas considerações anônimas

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



Planeta

RESSACA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Tinha uma risada esganiçada, que me irritava um pouco. Mas era mais velha que eu e já tinha colocado cigarro e outras coisas na boca, o que me causava fascínio. Éramos primas e fazíamos tudo juntas, quando férias ou feriados permitiam, nos entranhávamos. Nos fins de semana causávamos algum burburinho. Me provocava de uma maneira esquisita, mas eu era súdita, e ela tinha uma cicatriz de cinquenta centímetros na perna, quem era eu, a que nunca tinha quebrado nada, para desafiá-la? Me concentro para lembrar mais, mas temo que a demência apague meus números decorados, CPF, identidade, telefones, senhas sem fim e também sua voz, a cor da pele, as veias azuis na bochecha. Vida interrompida de maneira brutal e imbecil. O que foi mesmo que ela disse naquele dia antes d'eu ter dado um tapa na cara dela? Não lembro, mas revidou, claro. O dia que ela ganhou a prancha de surfe foi tão hipnótico. Foi um marco. Marina ganhou uma prancha. São *flashes*. Teve a tarde em que ela bradou pra família que iria, sim, pilotar o barco. Só deixavam os primos homens. Ela não queria saber, e eu e Clarisse, sua

irmã mais nova, íamos de vassalas da rainha Marina, e a gente ria tanto, porque tudo era tão sério que a gente só conseguia rir. Já era feminismo das jovens da década de 1990, mas não sabíamos nomes e estávamos cortando mato alto do terreno baldio da tradicional família tijuicana. Mas era tudo hilário, e fazíamos xixi com a bunda pra fora do barco, morrendo de rir, e ela, capitã, linda, estranha, linda, segura do que fazia. Me viu fazendo teatro. Teatrinho. Do colégio. Afirmou, como prima mais velha, que aquilo seria minha vida. Repetiu de ano, mas era a mais inteligente. Gargalhávamos com os mesmos dentes. Meu dentista era o dela, a gente respondia quando comentavam que éramos parecidas. A Guerra no Golfo, janeiro de 1991. Marina vai para as ruas de paralelepípedos de São Pedro da Aldeia e começa a pular com fúria e bradar: “Guerra! Guerra!”. Quebrou o pé. Queria viver alguma mudança na vida, no século, uma transformação. Louca, já bruxa e nem sabia. Me encantava a paixão pela independência, pela busca das experiências, pelo ineditismo, pela coragem. A última vez

que nos vimos, estávamos num quarto de outra prima. Eu, ela e um menino de um ano. Brincávamos com ele, fazíamos cosquinha. Observávamos o princípio da vida.

Perguntei seus planos para o aniversário, uns dias depois. Me contou o que estava pensando.

Triste pensar que já esqueci quais eram as ideias para aquela volta ao Sol. Ela era bonita, nariz pra baixo, na época não gostávamos, hoje em dia acho que as mulheres mais lindas são as mais narigudas. Não estou me defendendo. E, sim, a minha prima. Morreu completando outra idade.

Envelheci um século. Escrevi uma carta, e acharam bom enterrá-la com meu envelope ali dentro. Não consigo falar muito sobre essa carta. Isso define minha vida de maneira esquisita. Não sei quantos pesadelos, mas me lembro do sonho derradeiro, década depois, me avisando numa outra dimensão que agora estava livre. Houve revolta assim que morreu, as psicografias nos avisaram. Nem precisavam. Era ela, a revolta em pessoa. Após o enterro, fui ao cinema, dopada, não podia ficar em casa, não podia ficar parada,

não podia existir depois, não podia ser real. Apelei para a ficção do cinema pra ver se tudo era mentira mesmo. Faltavam quatro meses para eu fazer dezoito anos. Senti o gosto de chumbo da morte na boca. Fui atrás da paixão pela independência, da busca das experiências, do ineditismo, da coragem. Fui atrás de imitá-la, de ser um pouco ela.

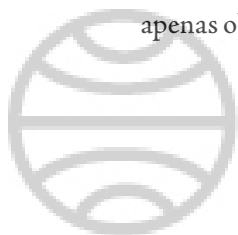
Tem um tempo já. Achei um caderno de perguntas, você sabe, aquele caderno com perguntas, todos respondiam no outro século. Uma besteirinha. Ela respondeu. Com fome, lia todas as suas respostas, pois ali se fazia presente, viva. Era um telefonema. Do além. A pergunta de número 32 era: “Você tem medo de quê?”. Eu e minhas curiosidades. Desde sempre. Ela respondeu: “De morrer cedo”.

*Flores que parecem um nariz, vozes que parecem envelopes. Do alto desse coreto, eu espero na escadinha, enquanto você caminha até mim. Talvez chova nesta tarde. Cai a lua. Gira o sol. Marina ganhou uma prancha de surfe.*



## *Meteorologia, eu quero uma pra viver*

Entrei num mar inédito, fui ao fundo para que pudesse aguentar a trolha que se anunciava. Ondas maiores vieram, passei pela primeira sem sacode. Um homem surge ao meu lado e, enquanto uma mais gigante ainda se aproxima, diz: “É só mergulhar bem fundo, menina!”. Penso em avisar que sou filha dela e não donzela à procura de um resgate, mas apenas obedeço e ralo meu peito na areia. Resíduo de sacode.



# Planeta

## *Spasiba*

Fui dar um tibus em Copacabana e tinha um russo (creio) com uma moça, que entendi pelo papo que era prostituta. O cara falava com aquele inglês sofrível, e a mulher lá cheia de produto para que os pelos pretos fiquem brancos. O cara devia estar feliz, pau *mezzo* duro: ou já tinha comido, ou era a garantia de comer mais tarde, aquela coisa, aquele esquema. Eu de óculos escuros arrumando assunto enquanto me aqueço pra tomar coragem e mergulhar. A água hoje está gélida. De doer o grelo. Acham que é só o saco. Mas o grelo também congela. Eu entro mesmo assim. E, quando saio do mergulho, me visualizo como uma grande bala Halls preta, tal qual monólito, plantada na areia. Me ajuda, isso. Essa visualização me dá coragem. Pois, lá pelas tantas, ele se empolga em contar uma história e desata a falar, até que a moça olha com cara de nada e faz um “ãhá”, ao que ele fica triste e olha para o mar, dizendo: “*Oh fuck, you don’t understand me*”. A moça continua não entendendo e passando produtos clareadores de pentelhos. Sinto vontade de ir até lá comparar o valor da psicanálise com o da penetração e

citar também o valor da amizade. Mas, como já disse Edna, minha ex-analista (beijo, Edna!): “Letícia, você se afeta muito”. Desafetada, fui congelar o grelo. Julguei melhor.



## *É amor que vocês querem?*

Era uma vez uma mulher que morava numa cidade enorme e, quando estava (coluna) prestes a comprar uma espingarda de chumbinho para aterrorizar os ensandecidos que buzina aleatoriamente, achou de bom grado digitar no YouTube: “Barulhos do mar”. Descobriu uma vasta gama de trilhas marinhas. Com ou sem chuva. Apenas o vaivém das ondas. Alguns *glub-glubs*. De peixes ou mergulhadores. Testou vários, até se adaptar a uma trilha específica: oito horas ininterruptas de barulho de ondas leves quebrando na areia. Achou que não conseguiria, temeu fazer xixi na cama. Mas logo se adaptou. Logo ficou viciada. Uma noite foi dormir com um homem após umas semanas de recusas por medo do pós-sexo. O homem também morava em ambiente metropolitano, e ela, com medo de assumir o vício, com medo de dizer “não sei dormir”, com medo de já chegar chegando com as manias, fingiu conseguir dormir. Mentira. Nunca mais se falaram. Trocou a paixão pelo sono. Julgou melhor. Costumava fazer isso, essa mulher. O homem sofreu um bocado e se julgou ruim de

cama por meses. E ela tinha adorado, mas adorava mais dormir. Porque não conseguia. Quem não consegue adora quando. Um dia foi convidada para ser madrinha de casamento numa cerimônia a se realizar na praia. Se preparou quinhentos reais além do que gostaria. Havia muitos anos não ia à praia. Não lembrava quantos. Não lembrava nem se já tinha ido alguma vez à praia de verdade ou se aquelas fotos desbotadas no álbum mofado da casa da mãe eram da irmã na praia. Muito parecidas. Mesmos olhos, mesmo cabelinho. Ela se posiciona no lugar designado às madrinhas. Um bocejo. Dois bocejos. Três bocejos. A moça ao lado, completa desconhecida, dá uma cotovelada. A mulher tenta resistir, mas, tal qual narcolépticos, apaga em pé e vai tombando aos poucos. Não chega a tombar, já que é escorada pelas outras madrinhas. A cerimonialista tenta acordá-la, chega a esbofeteá-la, mas nada adianta para a mulher que agora embarca numa dimensão onírica. Testam seu pulso e percebem que, não, ela não está morta. A noiva constrangida diz: “Nossa-que-chato-tudo-isso-hein-puxa-vida”. O noivo

ri e diz: “Tudo-bem-amor-esse-vídeo-vai-ter-mais-de-um-milhão-de-views”. A cerimonialista liga para uma ambulância. Alguns padrinhos são chamados para retirá-la do palco, montado perto do mar. Barulho de cozinha. Portas abrindo. Barulho de panelas, pratos. Talheres. Ela acorda. Um dos padrinhos fica. Era o homem do encontro que não evoluiu. Ainda zonza, ela o beija. Ele se assusta, mas se inclina para mais um beijo. “Só sei dormir com barulho de mar”, ela alerta. “Só sei dormir com remédio, mesmo”, ele avisa. Na mesma noite, numa pousada de trezentos e quarenta reais com café da manhã incluso, dez gotas de rivotril e dez horas ininterruptas de marolas indo até a areia, iniciaram um romance.

## *unfinished business*

não há de ser nada, mas bati um recorde escroto: três meses sem ver o mar. as montanhas foram boas madrinhas, a floresta me acolheu bem, embora eu e o frio tenhamos muitas questões – as quais sinto que não resolveremos nessa vida –, mas consegui. pela organização mundial da saúde, eu consegui. TENHO que conseguir, porque a imbecilidade desobedece e já está na mureta da urca tomando sua cervejinha. portanto, mantenho a firmeza. me mudei para o lar mais perto da praia que consegui na vida em janeiro de vinte. quero parar de falar DOIS MIL E VINTE. só quero falar vinte. você não vai pensar em 1920, certo? pois. o ano prometia, investi morar perto do mar pra me acalmar da vida-furacão que teria. porém o furacão corona se alastrou em março e me expulsou para a serra. esse verão tinha sido meu. fui nadadora de oceanos. perdi o medo das baleias. fiz amizade com a pedra e com a areia. com as pessoas não, porque sou tímida-extrovertida, só me sinto à vontade com seres humanos depois de cinco encontros intensos que envolvem nudez, embriaguez, segredos da infância, empréstimos

de dinheiro para comida ou carona. amizades do mesmo dia ainda não consigo. *ex-bullying*, cagada da cabeça, nunca pensem que é negócio de metida, é mais negócio de inadequação mesmo. a síndrome do equívoco, a macabeia que habita em mim saúda o diabo que há em vocês, mas ainda não consigo, queria consê. pois bem: nunca tinha ido tanto à praia seguidamente. janeiro, fevereiro e março, fervei. acumulei o mar em mim, visto que nos três meses seguintes não fui. sonhava, acordava encharcada de mar e lá ia eu passar o dia pensando no número de mortes e no governo mais repulsivo, desorientado e leviano da história. depois de três meses na serra, voltei. não porque a rua abriu, embora os imbecis tenham saído para comprar presente para o dia dos namorados. emoji passando mal. emoji vomitando. voltei porque o banco do brasil me enclacrou numa situação aí, que brincadeira, banco do brasil, eu te defendo, mas, eita ferro, presença presencial em plena pandemia é brabo, viu? mas lá fui eu, chamar uber. copanema-tijuca. n'outros tempos, eu iria de metrô e seria a *voyeuse* que sou e ouviria as pessoas



conversando e anotaria uma ou outra palavra que usaria neste pobre texto. embora vez em quando percebesse que a observada era eu, sempre gostei de ver gente assim, sem ter que conversar, só observando. vênus em aquário, uma delícia. mas um inferno, mas uma delícia. emoji ying-yang. pois: recém-chegada das montanhas, temendo a vida corona na cidade, chamei o uber. rapazinho chegou de máscara, vidros abertos. entrei. o carro seguiu e fez uma curva, antes de virar por completo, atrás dos óculos escuros, no canto do meu olho esquerdo quarentenado, eu bem vi. meninos, eu vi. meninas, eu vi. meninos, eu vi. O MAR. um trecho de mar. uma nesga de mar. um fragmento marinho. um lance aquático. com máscara, óculos, começo a chorar. o rapaz diz que a situação está difícil mesmo. concordo, com vergonha de explicar a saudade marítima. cinquenta mil pessoas morreram. eu não mergulhei. não resolvi a treta do banco do brasil. vai acontecer de novo.